

## EURÍPIDES – FENÍCIAS (1-87)<sup>1</sup>

Evandro Luis Salvador\*  
Universidade Estadual de Campinas

### Prolegômenos à tradução

A tragédia *As Fenícias*, de Eurípides, é uma das mais longas que chegou até nós, sendo suplantada, em número de versos, apenas por *Édipo em Colono*, de Sófocles. A data de sua apresentação no teatro de Dioniso é imprecisa, mas admite-se que ela foi vista pela audiência ateniense entre os anos 411 e 408 a. C., ou seja, praticamente na última década do século V a. C. e poucos anos antes da morte de seu autor, ocorrida entre 407 e 406.

O prólogo de *As Fenícias* é formado por duas cenas: um monólogo (v. 1-87), proferido por Jocasta, e a teicoscopia (v. 88-201), cena em que um pedagogo e Antígona observam, de um terraço elevado do palácio representando a *skēnē*, a movimentação e preparação do exército argivo nos arredores das fortificações tebanas.

Devemos entender o monólogo de Jocasta como parte de uma engrenagem na qual estão imbricados procedimentos convencionais importantes do gênero trágico antigo: a escolha do mito, o modo como o monólogo em questão o abriga e, principalmente, como ele cumpre

---

<sup>1</sup> A presente tradução do monólogo integra a nossa tese de doutorado sobre *As Fenícias*, de Eurípides, defendida em 15 de dezembro de 2010 no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com financiamento da CAPES.

\* evandrosalva@gmail.com

a função de provocar e sustentar na audiência ateniense do século V a. C. um estado de tensão dramática, pois se tratará de uma (re)visão do mito dos Labdácidas.

Durante o percurso narrativo do monólogo, Jocasta entrelaça o enredo das tragédias *Rei Édipo*, de Sófocles, entre os versos 13 a 62, e *d'Os Sete contra Tebas*, de Ésquilo, entre os versos 63 a 80. A revisão do mito dos Labdácidas, embora feita de forma sucinta, não deixa de envolver a audiência numa atmosfera de tensão dramática. Eurípides retarda a definição do tempo trágico adotando a estratégia do recuo à origem dos infortúnios da dinastia, mostrando como algumas desgraças se instalaram mediante eventos específicos. Tais acontecimentos, sobretudo os matrimônios de Laio e Jocasta (v. 13), Édipo e Jocasta (v. 53) e Polinices e Argia, a filha de Adrasto (v. 77), frutos da *áte*, geradora de uma cegueira que acarreta falta de discernimento em um dado instante, tornaram-se os veículos de perpetuação de acontecimentos funestos múltiplos e articulados entre si. O último fato – o casamento de Polinices com a filha de Adrasto, que deflagrou a aliança militar – possibilitou que os acontecimentos culminassem na situação inicial do drama: a luta entre os irmãos Etéocles e Polinices como resultado da maldição de Édipo, contenda desencadeada pela recusa do primeiro em ceder o trono ao segundo, conforme o pacto contraído entre eles para escaparem, exatamente, daquela maldição.

Longe de ser um monólogo digressivo e composto de detalhes irrelevantes, sustentamos que tais dados servem como contraponto para a audiência, fazendo com que ela projete a sua expectativa com base no entendimento dos mesmos. Por isso, a recapitulação de dados conhecidos do mito dos Labdácidas, associada a novos elementos, provê a audiência de informações importantes, sem as quais ela estaria despreparada para compreender o ponto de partida do drama, o desencadeamento das ações e a relação dos personagens nos episódios da tragédia.

Quanto à tradução: trata-se de um trabalho em prosa, mas estruturado em linhas que correspondem, na medida do possível, aos versos gregos. É um recurso que julgamos útil para os estudiosos da língua grega, pois permitirá estabelecer uma comparação interna e, também, uma comparação externa: as traduções se diferenciam umas das outras e o jogo comparativo entre elas é um exercício construtivo no processo de tradução e leitura de textos antigos.

(Diante do palácio de Édipo está um ator com uma máscara de uma velha mulher, vestimenta negra e cabelos rasos, demonstrando luto)

### Jocasta<sup>2</sup>

{Ó tu, montado numa carruagem áurea  
e que singras por entre os astros do céu,}  
Sol, ao revolveres tua flama com ágeis éguas,  
que raio infeliz em Tebas lançaste  
naquele dia quando Cadmo chegou a esta terra 5  
após ter partido da litorânea Fenícia:  
pois desposou, naquele momento, Harmonia, filha de Cípris,  
e gerou Polidoro, e desse, Lábdaco  
dizem ter nascido e, desse, Laio.  
Quanto a mim, sou conhecida como filha de Meneceu, 10  
{e Creonte, meu irmão, nasceu de mesma mãe,}  
chamam-me Jocasta: pois esse nome o pai  
colocou. Laio desposou-me: uma vez que, há muito,  
estava sem descendente, ainda que frequentasse meu leito no palácio,  
ele foi interpelar Febo e, ao mesmo tempo, reclamar 15  
uma comunidade de machos para a casa.  
E Febo respondeu: “Ó rei de Tebas, cidade de belos corcéis,  
não semeies o rego, onde nascem filhos, contra a vontade divina:  
pois, se gerares uma criança, o rebento te matará,  
e todo o teu palácio terá um caminho sangrento”. 20  
Contudo, cedendo ao prazer físico e caindo no furor de Baco,  
semeou em mim um filho: após tê-lo concebido,  
reconhecendo seu erro e a advertência do deus,  
ele dá o recém-nascido para que os pastores o expusessem  
no prado de Hera e no monte Citéron, 25  
após ter perfurado o meio dos seus tornozelos com agulhões:  
razão pela qual a Grécia o conhece por Édipo.  
Mas os boiadeiros de Pólipo, cavalgando por ali, após pegarem o menino,  
levam-no ao palácio e sob os cuidados de Mérope  
o colocaram. E ela acomodou em seus seios o fruto 30  
dos meus sofrimentos de parto e persuadiu o marido de tê-lo gerado.

<sup>2</sup> Utilizamos o texto grego editado e comentado por Mastronarde (*Phoenissae*. Cambridge: University Press, 1994). Consultamos, também, os comentários ao texto e as traduções de Craik (*Euripides: “Phoenician Women”*. Warminster: Aris & Phillips, 1988), Amiech (*Les Phéniciennes d’Euripide*. Paris: L’Harmattan, 2004) e Medda (*Euripide: “Le Fenice”*. Milano: RCS Libri S.p.A., 2006).

Mas quando a barba ruiva sinalizou sua maturidade,  
descobrimo por si mesmo ou por outro alguém,  
meu filho dirigia-se ao oráculo de Febo desejoso de descobrir  
acerca de seus pais naturais, enquanto Laio, meu marido, 35  
desejava saber se a criança que fora abandonada  
não mais existiria. E jungiram o passo  
para o mesmo local: a estrada de divisa da Fócida.  
Nisto, o cocheiro de Laio ordena a ele o seguinte:  
“Eia estrangeiro, coloca-te ao largo do caminho do rei!” 40  
Mas ele, mudo, prosseguia insolentemente. E os corcéis  
fustigavam-no, com os cascos, purpureando-lhe os tendões.  
Por causa disso – por que me é necessário falar de um mal menor? –  
o filho mata o pai e, apossando-se da carruagem,  
oferece-lha a Pólipo, seu nutridor. Como a Esfinge rapinante 45  
assolava violentamente a cidade e não havia meu marido,  
meu irmão Creonte anuncia minhas núpcias:  
aquele que decifrasse o enigma da arguta virgem  
teria como prêmio o meu leito. Aconteceu, de alguma maneira,  
que Édipo, meu filho, decifrou o canto da Esfinge 50  
{por isso foi declarado senhor desta terra}.  
Então, como prêmio, o cetro desta terra ele obteve.  
E o desgraçado desposa a sua geradora, sem o saber,  
assim como a geradora estava dormindo com o filho.  
Assim, gero filhos para o filho: dois homens, 55  
Etéocles e a ilustre força de Polinices;  
e duas donzelas: uma, Ismene, o pai  
nomeou; a outra, Antígona, primogênita, eu.  
Mas quando soube que desfrutava do leito da mãe,  
Édipo, o que suportara tantos sofrimentos, 60  
arroja contra seus próprios olhos um instrumento terrível,  
sangrando suas pupilas com um broche feito de ouro.  
E quando a bochecha dos filhos cobriu-se de barba,  
eles trancafiaram o pai para que a Fortuna se tornasse esquecida  
das atrocidades, embora ela necessitasse de muitos engenhos para isso. 65  
E ele está vivo no palácio. Por conta do que lhe ocorrera, demente,  
proferiu contra seus filhos a mais ímpia maldição:  
a de partilharem esta casa através da lâmina cortante.  
E os dois, sucumbindo ante o temor de que os deuses a seu termo  
conduzissem a maldição enquanto vivessem sob o mesmo teto, 70  
dispuseram, em comum acordo, que Polinices, o mais jovem,  
deixasse primeiro e espontaneamente esta terra,  
enquanto Etéocles empunharia o cetro de Tebas,

em regime alternado a cada ano: Mas quando estava sobre o assento do governo, Etéocles não cede o trono	75
e, em exílio, expulsa Polinices deste solo.	
Então para Argos ele se foi, teceu uma aliança com Adrasto e reuniu muitos guerreiros argivos sob seu comando.	
Após essas coisas e chegando diante das muralhas de sete portas, Polinices reclama o cetro e uma parte da terra.	80
Mas eu, desatando a rusga através de uma trégua, convenci um filho a vir diante do outro antes de se afrontarem.	
E o mensageiro enviado disse que Polinices virá.	
Mas ó, soberano das camadas profundas e luminosas do céu, Zeus, salva-nos, e oferece a reconciliação aos filhos.	85
Pois é necessário, se és intrinsecamente sábio, não permitir que o mesmo mortal seja sempre desgraçado.	87

## Referências

- AMIECH, C. *Les "Phéniciennes" d'Euripide*. Paris: L'Harmattan, 2004.
- BREMER, J. M. *Hamartia*. Amsterdam: A. M. Hakkert, 1969.
- BURIAN, P. Myth into "muthos": the shaping of tragic plot. In: EASTERLING, P. E. (Org.). *The Cambridge companion to Greek tragedy*. Cambridge: University Press, 1997. p. 178-208.
- CRAIK, E. *Euripides: "Phoenician Women"*. Warminster: Aris & Phillips, 1988.
- DIEL, P. *Le symbolisme dans la mythologie grecque*. Paris: Payot, 1966.
- DENNISTON, J. D. *The Greek particles*. Oxford: Clarendon Press, 1954.
- GENTILI, B. *Poesia e pubblico nella Grecia antica*. Roma/ Bari: Laterza, 1995.
- GREGORY, J. Euripidean Tragedy. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *A companion to Greek tragedy*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005. p. 251-270.
- HALLERAN, M. R. Tragedy in performance. In: BUSHNELL, R. (Org.). *A companion to Tragedy*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- MASTRONARDE, D. *Phoenissae*. Cambridge: University Press, 1994.
- MEDDA, E. *Euripide: "Le Fenice"*. Milano: RCS Libri S.p.A., 2006.
- SALVADOR, E. L. *Tradução da tragédia "As Fenícias" de Eurípides e ensaio sobre o prólogo (vv. 1-201) e o primeiro episódio (vv. 261-637)*. Tese de doutorado inédita defendida no IEL-UNICAMP. Campinas: UNICAMP, 2010.
- SOMMERSTEIN, A. H. *Greek drama and dramatists*. London: Routledge, 2002.
- \_\_\_\_\_. Tragedy and myth. In: BUSHNELL, R. (Org.). *A companion to Tragedy*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005. p. 163-180.
- TAPLIN, O. *Greek tragedy in action*. London: Routledge, 2003.

Recebimento contínuo - Aceite: 15 de maio de 2011